

PODER ESTRUTURAL SOBRE ESTADOS FRACOS: A FRANÇA, E NÃO A CHINA, IMPORTA PARA A ÁFRICA FRANCÓFONA

Olivier Mbabia¹

A magnitude da presença da República Popular da China na África tem sido recentemente multiplicada pela “voracidade” com que a literatura vem ranqueando o Estado asiático como o principal ator no continente, em detrimento de outros países tradicionais. Um olhar mais atento à questão, contudo, mostra que esta dedução é no mínimo simplista. Ao deliberadamente limitar a presente análise à chamada África Francófona², onde o engajamento chinês é tão considerável quanto qualquer outra parte do continente, parece que esta conclusão é frágil mediante rigoroso exame. Pode uma relação causal ser estabelecida entre o progresso desta presença e a verdadeira influência de Pequim? O poder ou a influência podem ser subordinados à presença constantemente crescente e à vitalidade econômica? São eles parâmetros suficientes para destronar as potências coloniais, especialmente a França, em sua área original e natural de influência?

¹ Pesquisador da Université de Montréal. Doutorando da mesma instituição. E-mail: oliviermbabia@yahoo.com.

² A expressão “África Francófona” geralmente se refere àqueles países que possuem o francês como uma língua oficial ou utilizada. Neste trabalho, o termo é usado para designar os países da África Subsaariana que mantêm excepcionalmente – em alguns casos, de maneira anormal – relações estreitas em termos políticos, culturais, econômicos e militares com a França, sua antiga potência colonial. São eles: Benin, Burkina Faso, Chade, Comores, Costa do Marfim, Djibuti, Gabão, Guiné, Madagascar, Mali, Mauritânia, Níger, República Centro-Africana, República do Congo e Senegal. Outros países são Camarões e Togo, dois antigos protetorados alemães transferidos para a França após o Tratado de Versalhes, em 1919.

Uma resposta positiva a esses questionamentos não ajuda a explicar como a autoridade e a legitimidade de instituições e governantes franceses sobre elites e populações locais logra prosseguir após mais de meio século de desmantelamento físico do império colonial. Alguns eventos recentes ilustram esta questão. Em 2009, a resposta francesa ao golpe de Estado de Andry Rajoelina – que encontrou abrigo na embaixada francesa – em Madagascar foi normalizar a situação *de facto*. Em dezembro de 2012, os “primos franceses” foram chamados para ajudar o presidente centro-africano em sua tentativa de impedir que o avanço de rebeldes em direção a Bangui³. Em fevereiro de 2013, poucas semanas após o início da Operação Serval, o Chefe de Estado francês foi calorosamente recebido no Mali. Muitas outras manifestações deste tipo foram observadas através da atração pelos canais televisivos, da paixão alimentada pelas paradas militares de 14 de julho, do entusiasmo festivo expresso nas eleições presidenciais francesas (especialmente as de maio de 2012, marcadas pela saída de Nicholas Sarkozy) em Brazzaville, Libreville, Abidjan, Dacar ou Duala.

O artigo busca explicar os determinantes da influência francesa comparada à chinesa na África Francófona. Com foco no paradigma de poder estrutural, teorizado por Susan Strange, o texto tentará desmistificar quaisquer considerações quanto a uma influência “decadente” da França na África Francófona. Será argumentado que a existência de “relações especiais” manifestadas através de estreitos laços políticos e culturais, mas também redes militares e de cobertura econômica, conferem à França o potencial de determinar a estrutura da econômica política regional, na qual os Estados africanos francófonos se desenvolvem (hipótese). A primeira seção debate a definição de poder. A próxima seção compara os determinantes e modelos dos envolvimento chinês e francês, baseados nas estruturas securitárias, financeiras, produtivas e de conhecimento. A terceira seção explora como a configuração atual permite à França superar a China sustentavelmente.

³ François Bozizé disse: “Estamos pedindo para que nossos primos, os franceses e norte-americanos, os quais consituem Grandes Potências, nos ajudem a empurrar os rebeldes de volta a suas posições iniciais de modo a permitir que as negociações em Libreville possam resolver esta crise.” Ver Valdmanis e Osborn, 2012.

Particular atenção será dada aos problemas e desafios enfrentados pelo poder francês em sua natural zona de influência. Finalmente, na conclusão, sustento que o engajamento chinês na região é ainda mais “raso”, uma vez que carece de conteúdo e intensidade.

Poder e Poder Estrutural

Poder é um conceito geral e, portanto, pouco operacional e muito debatido. Ele permanece uma questão central nas Relações Internacionais – especialmente para os realistas. Inspirando-se na concepção weberiana de poder, definida como “a chance de impor o desejo de todos dentro de uma relação social, e mesmo frente à adversidade”, realistas acreditam que o poder é essencialmente a expressão da habilidade de um ator em fazer com que outro faça o que inicialmente não teria feito através de ameaças militares. De acordo com Aron, “poder na configuração internacional é a habilidade de uma unidade política impor sua vontade frente às outras unidades”⁴. Esta tradicional concepção de poder está sendo progressivamente posta em questionamento, especialmente pelo realismo hegemônico, o qual tem o mérito de repensar a definição de poder concebida pelos teóricos realistas como um conjunto de capacidades materiais. A partir desta redefinição, o poder torna-se “hegemonia”, a qual impõe uma reavaliação de instrumentos postos à disposição das grandes nações a fim de exercerem suas lideranças. De acordo com Robert Gilpin⁵, por exemplo, a hegemonia não é calcada apenas em capacidades tangíveis. Em outras palavras, sua definição de hegemonia é o meio-termo entre a puramente realista concepção de hegemonia proposta por Mearsheimer, que a visualiza como a supremacia material – especialmente militar –, e a teoria gramsciana, a qual define a hegemonia como a dominação que não é sentida por aqueles que a ela estão submetidos.

A concepção de poder tridimensional de Steven Lukes⁶ mostra-se interessante a esse respeito. Lukes argumenta que o poder possui três dimensões,

⁴ Raymond Aron, *Paix et Guerre entre les Nations* (Paris: Calman-Lévy, 1962), 16-17.

⁵ Robert Gilpin, *The Political Economy of International Relations* (Princeton: Princeton University Press, 1987).

⁶ Steven Lukes, *Power: A radical View* (Londres: Macmillan, 1974).

as quais foram identificadas com base em trabalhos previamente apresentados por Robert Dahl (visão unidimensional), Peter Bachrach e Morton Baratz (visão bidimensional⁷). Para este autor, a mais imponente forma de poder é a dominação. A partir da visão tridimensional, o poder logra ser observado onde o povo é sujeito da dominação e consente à mesma. De acordo com esta definição do conceito de poder, “A exerce poder sobre B quando A afeta B de modo contrário aos interesses de B.”⁸ Portanto, a visão tridimensional se refere ao poder invisível que consiste em determinar as preferências de outros atores. O que importa é prevenir que as pessoas apresentem agravos, moldado suas visões e preferências de maneira que elas aceitem seu papel dentro da ordem social seja por não esperar outra alternativa, seja por considera-lo natural e imutável.

A partir de uma perspectiva distinta, a acadêmica britânica Susan Strange, pioneira no estudo da Economia Política Internacional, sublinha que a concepção weberiana de poder não permite contabilizar satisfatoriamente as relações de poder internacionais no mundo contemporâneo. Ela desenvolveu a noção de “poder estrutural”. “O poder estrutural, por outro lado, é o poder que molda e determina as estruturas da economia política global dentro da qual outros Estados, suas instituições políticas, seus empreendimentos econômicos e, não menos importantes, seus cientistas e outros profissionais têm de operar.”⁹ Ela identifica quatro fontes: a da segurança, dentro da qual o poder é baseado na capacidade de suprir um indivíduo com segurança frente a ameaças e na capacidade de também ameaçar a segurança de um indivíduo; a da estrutura financeira, a qual se relaciona ao oferecimento, à negação e à solicitação de crédito; a da estrutura produtiva, a qual consista em determinar o lugar, os meios e o conteúdo de atividades que visam ao fomento da prosperidade; a da estrutura do conhecimento, a qual é baseada na capacidade de influenciar crenças e ideais que são socialmente legitimadas e buscadas, bem como em controlar o acesso a meios de comunicação dessas ideias e crenças¹⁰.

⁷ Peter Bachrach e Morton S. Baratz, “The Two Faces of Power,” *American Political Science Review* 56 (1962): 947-953.

⁸ Lukes, *Power*, 34.

⁹ Susan Strange, *States and Markets: An Introduction to International Political Economy*, 2nd Ed. (Londres: Pinter 1994), 24-25.

¹⁰ Strange, *States and Markets*, 26-30.

Esta última noção da estrutura do conhecimento impactará aquela do *soft power*, desenvolvida por trabalhos de Joseph Nye¹¹. A partir de então, existe uma nova forma de observar vetores e formas de se exercer poder de acordo com a qual o poder não mais é exclusivamente relacionado às capacidades militares. Portanto, critérios geográficos e demográficos são postos em perspectiva para o bem de recursos intangíveis como tecnologia, ideias e cultura. Nye cunhará a expressão “*soft power*”, oposta à de *hard “power*”, ou o tradicional exercício de poder emanado do uso clássico de meios de coerção (militares e econômicos). Em outras palavras, “na política internacional, um país pode obter os resultados que deseja porque outros Estados – que admiram seus valores, emulam seus exemplos, aspiram seu nível de prosperidade e abertura – querem segui-lo.¹²” A teoria de Joseph Nye tenta mostrar que ambos os tipos de poder coexistem, mas que o *soft power* assume um caráter cada vez mais central em um mundo onde o mais poderoso não é aquele que ataca de forma mais incisiva, mas aquele que demonstra sua capacidade de aglutinar mais atores, controlando a informação e determinando a agenda.

Neste trabalho, o paradigma do poder estrutural será usado em tentativa de destacar aspectos de nossa primeira hipótese. Este *approach* teórico é vantajoso na medida em que ultrapassa a mera distinção entre *hard* e *soft power* ao permitir, dentro do mesmo quadro, clássicos parâmetros de poder (força militar, armas econômicas e financeiras) e modalidades para o uso de *soft power* (persuasão, valor de dominação e cultura). Além disso, esta abordagem nos permite trabalhar tanto com atores internacionais quanto com não-estatais que, de várias maneiras, podem ser considerados agentes da reputação e da imagem de um país e, logo, de seu poder.

A China desafia o poder estrutural francês na África Francófona?

Estatísticas têm revelado o extraordinário crescimento da interação entre a China e países africanos ao longo dos últimos 15 anos. Acadêmicos têm

¹¹ Joseph S. Nye, *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power* (Nova Iorque: Basic Books, 1991).

¹² Joseph S. Nye, *Soft Power. The Means to Success in World Politics* (Nova Iorque: Public Affairs, 2004), 5.

normalmente enfatizado a invasão comercial, os intensos acordos energéticos, direitos humanos e boa governança. Mesmo que algumas pesquisas tenham focado o ponto de vista antropológico¹³, levando em conta os países francófonos africanos¹⁴, nenhum trabalho enfatizou sistematicamente os impactos das interações entre a China e estes países até hoje. Em 2005, autores sugeriram que a França poderia frear a inserção chinesa na África identificando seus interesses e dividindo tarefas com os Estados Unidos da América¹⁵. Um estudo governamental feito pelo Ministério das Relações Exteriores francês mostra que a presença chinesa na África é essencialmente um perigo para a governança e a democratização¹⁶. Nos dias anteriores a Cúpula China-África realizada em Beijing no mês de novembro de 2006, algumas análises prescritivas, com uma dose de nostalgia, descreveram a presença chinesa na África como uma ameaça aos interesses franceses. Alguns escreveram: “Adeus, ‘Françáfrica’”, “Bem-vinda, Chináfrica!”¹⁷ Outros declararam: “a China está enterrando a ‘Françáfrica’.”¹⁸ Os trabalhos supracitados foram acompanhados de algumas lacunas ao considerar a realidade do peso chinês nos países francófonos africanos. Primeiramente, pode ser observado que os autores praticamente ignoram o contexto histórico entre a França e seus antigos territórios e colônias. Além disso, os dados parecem apenas estar interessados em avaliar as relações de poder material entre China e França, e enumerar recursos que justificariam a

¹³ Antoine Kernen e Benoit Vuillet, “Small Chinese Merchants and Entrepreneurs in Mali and Senegal”, *The China Monitor* 42 (2009): 4-6; Mathilde Dupré and Weijing Shi, “La présence chinoise en Afrique de l’Ouest: le cas du Mali et du Bénin,” *French Development Agency – AFD, Working paper* 69 (2008).

¹⁴ François Lafargue, “La Chine: stratégies d’influence en Côte d’Ivoire,” *Monde Chinois* 8 (2006): 39-48; Vidhan Pathak, “China and Francophone Western Indian Ocean Region: Implication for Indian Interests,” *Journal of Defense Studies* 3 (2009): 79-102.

¹⁵ Antoine Glaser e Stephen Smith, *Comment la France a perdu l’Afrique?* (Paris: Calmann-Levy, 2005), 267.

¹⁶ Centre d’Analyse et de Prévision, “La Stratégie Africaine de la Chine,” citado em *La Lettre du Continent*, 13 de julho de 2006.

¹⁷ Yves Lacoste, “La Chine change l’ordre du monde,” *Hérodote* 125 (2007), 3-6.

¹⁸ Serge Michel e Miche Beuret, *La Chinafrica: Pékin à la conquête du continent noir* (Paris: Grasset, 2008), 147-175. Outras publicações e documentários de emissoras francesas adotam a mesma perspectiva, como: Jean-Marc Gonin e Julien Nessi, “Le triomphe de Pékin,” *Le Figaro*, 04 de novembro de 2006; Dominique Dhombres, “Les entrepreneurs chinois en Afrique,” *Le Monde*, 08 de janeiro de 2009; Serge Michel e Fabrice Monod, “Drapeau rouge sur le continent”, *France 5*, 06 de janeiro de 2009.

eficiência chinesa. Em terceiro lugar, a influência da China nessa região deriva do método normativo utilizado pelos autores. Ao utiliza-lo, eles tendem a perpetuar a tradição de exercícios proibitivos e autoritários através dos quais a geopolítica é considerada uma ferramenta ideológica, ao invés de um tema científico¹⁹.

A fim de ir além dessa “literatura declinante”, deve-se focar no poder estrutural. Esta escolha metodológica poderá nos permitir incluir elementos tangíveis e intangíveis de poder. Essa abordagem estrutural parece pertinente, uma vez que as ações de França e China ocorrem em um grupo de “Estados fracos”. Um Estado fraco é aquele que “é incapaz ou relutante em prover serviços públicos essenciais, os quais incluem a promoção de crescimento econômico igualitário e sustentável, legitimidade governamental, provisão de segurança física e propiciar serviços básicos”²⁰. Além disso, sugerimos que a persistência de redes de negócios pessoas e inescrupulosas tornam ainda mais nebulosa a compreensão da influência francesa sobre os países africanos francófonos.

Abordando as facetas das influências francesa e chinesa

Quanto à estrutura securitária

Do ponto de vista da estrutura securitária, onde o poder é gerado através da provisão de segurança, muitos elementos de comparação parecem revelar a fragilidade chinesa na África Francófona. Fora a cooperação e uma escassa assistência militar, não há qualquer conexão direta entre o Exército de Libertação Popular (ELP) e suas contrapartes africanas na área de língua francesa. No entanto, o desenvolvimento de uma cooperação militar centrada em visitas mútuas, treinamentos esporádicos e exercícios médicos bilaterais está em ascensão. Em 2007-08, o conjunto de treinamentos de telecomunicação

¹⁹ Guillaume Devin, *Sociologie des relations internationales* (Paris: La Découverte, 2002), 28.

²⁰ Susan E. Rice e Steven Patrick, *Index of State Weakness in the Developing World* (Washington, D.C.: The Brookings Institution, 2008), 5.

militar realizado em Xi'an, China, com a participação de oficiais gaboneses e camaroneses é um exemplo²¹. Ademais, sessenta servidores hospitalares e médicos chineses, junto a seus análogos gaboneses, participaram do “Exercício e Assistência Médica Humanitários entre China e Gabão”, ou *Ange de la Paix 2009*²². Ao longo dos últimos anos, o apoio militar aos países que constituem o foco deste estudo é inquestionável; isto pode ser ilustrado, por exemplo, pela doação de uniformes à polícia camaronesa em 2006 e pela doação de ambulâncias e blindados anti-minas ao Senegal em 2007²³.

A França, porém, acaba por ocupar posição honorável de acordo com vários fatores que lidam com a estrutura securitária. Na África Francófona, isto é inquestionável. Na verdade, os acordos assinados entre a França e Estados africanos não mais constituem uma espécie de união militar, mas sim uma comunidade inevitável. “Isto se dá devido ao fato de que a cooperação militar está conectada a uma certa harmonização da vida política e, de alguma forma, à existência de instituições políticas comuns.”²⁴ A fim de supervisionar esta política, a França designou um quadro africano para a cooperação militar que lida com a aplicação de acordos relacionados à cooperação técnica e militar. Na prática, esta política está baseada em dois conceitos: presença e intervenção²⁵. A lista desses acordos deve estar associada a uma força militar permanente, cuja missão é assistir a forças de intervenção e providenciar operações. Graças ao seu *status* de antiga potência colonial, a França assinou acordos com suas colônias na área da defesa. Considerando os termos destes pactos, o país europeu tem o direito de intervir militarmente quando necessário. A maioria destes acordos foi renegociada recentemente e, ao que tudo indica, explicitam a proibição francesa de agir em caso de insurreição local. Esta conexão direta por vezes facilita a presença de conselheiros militares franceses, sendo a Costa do Marfim um exemplo. Outrossim, com respeito à equipe, o Exército francês ainda mantém

²¹ Comunicação pessoal com oficiais de Camarões e Gabão que participaram do treinamento na China. 18 de julho de 2008.

²² “Arrivée au Gabon d’un groupe des médecins militaires chinois pour un exercice médical,” *People’s Daily*, 18 de junho de 2009.

²³ Jonathan Holslag, “China’s Next Security Strategy for Africa,” *Asia Papers* 3 (2008), 6.

²⁴ Maurice Ligtot, “La coopération militaire dans les accords passés entre la France et les États africains et malgaches d’expression française,” *Revue Politique et juridique d’Outre-Mer* (1963), 517.

²⁵ Patrice Bakong, *La politique militaire africaine de la France* (Paris: L’Harmattan, 2012), 42.

algumas bases militares em cinco países africanos (950 soldados na Costa do Marfim, 900 no Gabão, 350 no Senegal, 230 na República Centro-Africana, 100 no Chade e 2900 no Djibuti)²⁶. Um sexto país deve ser mencionado desde 2013, quando o *Quai d'Orsay* anunciou o estabelecimento de uma estação com 1000 soldados que permanentemente operarão no Mali²⁷. Consequentemente, a França possui uma força de projeção eficiente tanto na África Central, quanto na Ocidental. Há de se lembrar o número de intervenções lideradas nas últimas décadas: 1964, no Gabão; 1968-1972, em Tibesti (Chade); 1977, no Zaire (RDC); 1977, na Mauritânia; 1978, em Kolwezi (Zaire); 1978-80, no Chade; 1979-81, na República Centro-Africana; 1983, no Chade; 1985, no Chade (contra a Líbia); 1986, no Togo; 1989, em Comores; 1990-93, em Ruanda; 1993, no Zaire; 1994, em Ruanda; 1995, em Comores; 1998, no Zaire; 2002, 2004 e 2011, na Costa do Marfim; 2006 e 2008, no Chade; e 2008, no Djibuti²⁸. Mais recentemente, ocorreram a queda dos presidentes Laurent Gbagbo e Muammar Kadafi – de Costa do Marfim e Líbia, respectivamente –, e o início de duas operações militares em 2013 (Operação Serval no Mali, em janeiro, e a Operação Sangaris na República Centro-Africana, em dezembro).

Deve ser notado que a venda e as doações de equipamentos militares dentro do quadro da cooperação técnica, por um lado, e o treinamento sistemático de soldados e oficiais tanto nas escolas francesas como nas africanas, por outro, não devem esquecer. Não podemos esquecer que dois antigos oficiais treinados na França são atualmente Chefes de Estado na África e também aliados muito próximos a Paris em solo africano: o presidente da República do Congo, Denis Sassou Nguesso, e o presidente do Chade, Idriss Deby Itno.

Quanto à estrutura financeira

Como notado por Susan Strange, a questão da estrutura financeira é considerada como a capacidade de oferecer, recusar ou pedir algum crédito, e também está relacionada à questão monetária. A estrutura financeira chinesa,

²⁶ “Etat des lieux des bases militaires françaises en Afrique,” *L'Express*, 12 de dezembro de 2009.

²⁷ “Mille soldats français resteront au Mali de ‘façon permanente’,” *France 24*, 06 de abril de 2013.

²⁸ Ver Raphael Granvaud, *Que fait l'armée française en Afrique* (Marselha: Agone, 2009).

enquanto oposta à francesa na África Francófona, parece ser limitada. Daremos ênfase à habilidade de se conceder crédito, uma vez que os Estados-alvo são economicamente combalidos. Na realidade, graças aos seus fundos de reserva orçamentária, o governo chinês alocou importantes quantias de crédito aos países africanos: cinco bilhões de dólares em empréstimos preferenciais durante a criação de um fundo de desenvolvimento do mesmo valor; o perdão dos compromissos de países altamente endividados; 10 bilhões de dólares em empréstimos preferenciais, dos quais um décimo seria destinado aos primeiros passos de empresas africanas de pequeno e médio porte; e 20 bilhões de dólares em empréstimos para auxílio no desenvolvimento²⁹. Estes importantes créditos, os quais contribuirão para o crescimento dos investimentos chineses e para o desenvolvimento de inúmeros setores africanos (infraestrutural, agrícola, industrial e empresarial) constituem, contudo, medidas de curto prazo. A real transformação reside no fato de que estes créditos não respeitam o tradicional quadro imposto pelas instituições financeiras internacionais. As vulneráveis economias da África Francófona têm sido gerenciadas por – e dependem amplamente de – diferentes políticas implementadas pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional.

Financeiramente, a França desfruta de posição nobre com relação aos países de língua francesa em solo africano. Os dois aspectos de seu poder financeiro são ilustrados pelo controle sobre a moeda utilizada na “Zona do Franco” e o domínio francês sobre o sistema bancário deste grupo de países. Em primeiro lugar, desde o período colonial, a França vem administrando a moeda de suas colônias, conhecida como “*Franc des Colonies d’Afrique-CFA*” (Franco das Colônias Africanas) e mais tarde rebatizada como “*Franc de la Communauté Financière d’Afrique*”, ou Franco da Comunidade Financeira Africana, mantendo-se a sigla. Após as independências, os quatorze países da Zona do Franco, oito dos quais são parte da União Econômica e Monetária do Oeste da África (UEMOA – Benin, Burkina Faso, Costa do Marfim, Guiné-Bissau, Mali, Níger,

²⁹ A África Francófona apresenta situação de vulnerabilidade econômica e baixos índices de desenvolvimento socioeconômico. De fato, quinze dos países selecionados estão situados na categorização das Nações Unidas como Países Menos Avançados (PMA), abrangendo 10 dos 14 países da Zona do Franco: Benin, Burkina Faso, Chade, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Mali, Níger, República Centro Africana, Senegal e Togo. Cinco outros países francófonos não utilizam o Franco CFA: Comores, Djibuti, Guiné, Madagascar e Mauritânia.

Níger, Senegal e Togo) e seis, por outro lado, da Comunidade Econômica e Monetária da África Central (CEMAC – Camarões, Chade, Gabão, Guiné Equatorial, República Centro Africana e República do Congo), são obrigados a depositar suas reservas internacionais no Tesouro Francês. Esta moeda, cuja convertibilidade ao Franco Francês foi garantida entre 1945 e 1999 e é garantida ao Euro desde então, é cunhada e impressa pelo Banco da França em Chamalières, uma pequena localidade do Centro-Sul francês.

O volume de trocas comerciais entre a França e os países da zona é maior do que o apresentado com outras regiões africanas: mais de 50% das trocas nacionais em muitos países³⁰. A realidade é que tanto o Banco Central dos Estados da África Ocidental (BCAO) quanto o Banco dos Estados da África Central (BEAC) possuem políticas monetárias ditadas diretamente pela França e, de certa forma, por outros países da Zona do Euro. Isto confirma as fraquezas e a “servidão” de um grupo de países que é incapaz de definir de maneira independente suas políticas econômicas e sociais³¹. Em segundo lugar, o domínio de bancos franceses sobre os países em questão deve ser ressaltado. O quadro dos maiores bancos operando na África Francófona e na Zona do Franco indica a onipresença de instituições bancárias francesas na região. No tocante a esta questão, Roland Marchal observa: “Os grandes bancos franceses (*Banque Nationale de Paris, Société Générale e Crédit Lyonnais*) representam 70% da atividade apresentada pelo setor bancário na Zona do Franco.”³²

Quanto à estrutura produtiva (economia)

A existência de uma economia vital tem sido considerada uma das condições-chave para que um país seja considerado uma potência. O termo “arma econômica” é geralmente usado para denotar o uso de interações

³⁰ Demba Moussa Dembele, “Mauvais comptes du franc CFA,” *Le Monde Diplomatique*, Junho de 2004.

³¹ Tchundjang Pouemi, *Monnaie, servitude et liberté: La répression monétaire de l'Afrique* (Paris: Éditions Jeune Afrique, 1980); Demba Moussa Dembele, “Le franc CFA en sursis,” *Le Monde diplomatique*, Julho de 2010.

³² Roland Marchal, “French Perspectives on the New Sino-African Relations,” in *China Returns to Africa*, eds. Chris Alden, Daniel Large, e Ricardo Soares de Oliveira (Londres: Hurst & Company, 2008), 181-196.

econômicas por um Estado para objetivos relacionados à sua política externa³³. No entanto, os últimos acontecimentos vêm incluindo atores que reivindicam importantes posições em termos de autoridade e exportação de bens fora das competências estatais. Este desenvolvimento levou alguns acadêmicos a conceber o poder como “a habilidade de um indivíduo ou grupo em influenciar resultados de modo que suas preferências venham a ocorrer antes que as de outros.³⁴” Se muitos partícipes estabelecem diferentes nichos de poder (por exemplo, ONGs, entidades legais, diáspora, etc.), as companhias multinacionais são indubitavelmente as que têm voltado suas atenções principalmente para o campo do poder econômico³⁵. Contudo, estes atores não-estatais não buscam ser uma alternativa ao Estado, uma vez que “resistir, atacar, obstruir, aliar-se, influenciar o Estado é em si mesmo uma fonte de autoridade, um atributo e uma expressão de poder.³⁶”

Dentro da estrutura, preocupadas com atividades relacionadas à mobilização de riqueza e prosperidade, companhias chinesas na África Francófona, estatais ou não, podem desenvolver oportunidades comerciais de sucesso. Ademais, cabe ressaltar que a força industrial chinesa atrai muitos agentes e empresários africanos, especialmente os francófonos que vivem em território chinês. O país asiático é, assim, considerado um lugar onde se é possível acumular riqueza³⁷. Aqui, a faceta privada do poder permite aos chineses, e de certa forma à própria China, obter considerável vantagem no que tange ao papel desempenhado não apenas por sua diáspora comercial, mas também por sua mão de obra qualificada. Ao passo que aquela contribuiu para o *boom* comercial entre China e África, esta participou em diversos feitos infraestruturais (pontes, hidrelétricas, hospitais, fábricas, complexos esportivos,

³³ Marie-Hélène Labbé, *L'Arme Économique dans les Relations Internationales* (Paris: Presses Universitaires de France, 1994), 3.

³⁴ Susan Strange, *The Retreat of the State: The Diffusion of Power in the World Economy* (Cambridge: Cambridge University Press, 1996), 35.

³⁵ Quanto ao conceito de “difusão de poder”, ver Joseph S. Nye, *The Future of Power* (Nova Iorque: Public Affairs, 2011).

³⁶ Pierre Buhler, *La puissance au XXI^e siècle. Les nouvelles définitions du monde* (Paris: CNRS Editions, 2011), 284.

³⁷ Durante minha pesquisa em solo chinês, conversei com algumas pessoas – estudantes e empresários – advindos de Mali, Senegal, República do Congo, Guiné e Camarões que viviam em Xangai, Guangzhou, Shenzhen e Hong Kong. Minha visita se deu entre abril e maio de 2009.

estradas, etc.). Na maioria das vezes, o *know-how* chinês foi necessário onde a mão de obra local não poderia implementar algumas tarefas específicas³⁸. De fato, isto resultou em um extraordinário aumento no comércio entre China e países africanos: 10 bilhões de dólares em 2000 para mais de 198 bilhões de dólares em 2012, de acordo com fontes chinesas³⁹. Entre os principais parceiros africanos da China (Angola, África do Sul, Sudão, Nigéria e Egito), não há país da região francófona. No entanto, podemos achar o Congo entre os principais exportadores para a China – esteve na quinta posição no ano de 2011. Na realidade, a China ultrapassou a França e os Estados Unidos da América para se tornar o principal parceiro comercial do continente africano. Porém, ao examinarmos os detalhes desta relação comercial, podemos observar dois fatos: ela segue modesta na África Francófona e seu valor comercial ainda é relativamente fraco se comparado ao das transações entre esses países e a França. Consideremos algumas estatísticas do volume comercial entre China e CEMAC em 2010: 763,3 milhões de Euros com Camarões, 37,1 com a República Centro-Africana, 2,4 bilhões de Euros com a República do Congo, 841,3 milhões de Euros com o Gabão, 798,3 milhões de Euros com a Guiné Equatorial e 616,4 milhões de Euros com o Chade⁴⁰.

Dentro da Zona do Franco, a França segue representando 25% das exportações dos países e, graças a esses Estados, mantém um superávit comercial com a África⁴¹. De fato, a balança comercial da França com os países que utilizam o Franco CFA é altamente confortável. Com relação aos países da CEMAC, em 2011 a França obteve um superávit de 710 milhões de Euros (ver Tabela 01). Se observamos as economias francófonas mais dinâmicas da África Ocidental, a França obtém um lucro de 802,3 milhões de euros com Benin, o maior excedente da área e o segundo maior do continente⁴². Além disso,

³⁸ Em uma obra de Yaoundé, Camarões, o *Saanxi Enginnering Construction Group Co.* teve de chamar quarenta caldeiros chineses pois os locais não logravam cumprir profissionalmente seus contratos. Entrevistas feitas em Yaoundé, Agosto de 2008.

³⁹ *China-Africa Economic and Trade Cooperation*, prepared by the Information Office of the State Council of The People's Republic of China (Beijing, 2013).

⁴⁰ Estes dados e estatísticas são fornecidos pela Comissão Europeia, <http://ec.europa.eu/trade/>.

⁴¹ Marchal, “French Perspectives”.

⁴² Direction Générale du Trésor, “Commerce bilatéral franco-béninois en 2011,” 24 de fevereiro de 2012.

enquanto as trocas comerciais bilaterais francesas bateram a casa dos 1,4 bilhões de Euros com a Costa do Marfim e dos 794 milhões de Euros com o Senegal, a China atingiu a marca dos 170,7 milhões com a Costa do Marfim e dos 412,2 milhões com o Senegal. Nesse sentido, grandes empresas francesas ainda ocupam imponentes posições: Total, Perenco, Areva, Eramet e Technip na mineração e no setor petrolífero; Rougier e Thébault Transbois no setor florestal; Véolia, Vinci, Bouygues, Lafarge, Razel, Dumez e Gaz de France no setor infraestrutural e no abastecimento de água; Orange e Alcatel no setor de telecomunicações; entre outras.

Tabela 01: Estatísticas Comerciais França-CEMAC (em milhões €)

	Camarões	RCA	Congo	Gabão	Guiné Eq.	Chade
Exportações	632	43,3	488	779,6	194,7	104,4
Importações	290,4	8,6	527,7	114,7	431,7	158
Total	922,4	51,9	1015,7	894,3	626,4	262,4
Balança	341,5	34,6	-39,7	664,8	-237	-53,6

Fonte: Serviço Econômico Regional, Embaixada na França em Camarões, Fevereiro de 2012.

Além do comércio de mercadorias, a economia francesa também obtém grandes benefícios a partir da indústria de serviços. Um exemplo particularmente significativo é a Air France (companhia aérea francesa) e seus voos para o continente africano. A empresa está presente há 75 anos na África e sobrevoa cidades de países francófonos através de 75 voos semanais⁴³. Até o momento, nenhuma companhia chinesa voa para esses países. Dessa maneira, a Air France criou a Air CEMAC, futura empresa aérea centro-africana, de caráter estratégico. Como maior acionista (34% das ações) dessa empresa sub-regional,

⁴³ Dez voos semanais para Duala e Yaoundé; nove para Brazzaville e Pointe-Noire; sete para Abidjan, Bamako, Dacar, Libreville e Uagadugu; cinco para Cotonou; quatro para Lomé e Niamey; e 3 para Bangui, Malabo, N'Djamena e Nouakchott. Além disso, a companhia tem três voos para Antananarivo e sete para Conacri por semana.

vai escolher as aeronaves, a estratégica, lançar os destinos, além de selecionar e treinar as tripulações.

Se os empreendimentos franceses diversificaram seus mercados com o estabelecimento de parcerias privilegiadas com países como Nigéria, África do Sul, Angola e Moçambique, eles ainda estão bem representados na África Francófona. Estes mercados ainda se mantêm como suas bases, a partir das quais movem-se para outros destinos do continente africano. Por exemplo, o *Bolloré Group*, o qual está firmemente estabelecido em praticamente todos os domínios estratégicos da Zona do Franco (ferrovias, portos e logística), reforçou suas raízes na África Austral e agora está a caminho da África Oriental através da Etiópia. Esse processo remotamente enfraquecerá as relações comerciais com a África Francófona. Isso pode ser ilustrado pelo caso marfinense: maior parceiro francês na Zona do Franco, a Costa do Marfim ocupa o quarto lugar dentre os parceiros subsaarianos em 2010 e o quinto lugar em termos de ações com apenas 4,6%, atrás da Nigéria (36%), Gana (11%), Angola (11%) e África do Sul (8%)⁴⁴.

Quanto à estrutura do conhecimento

Um dos instrumentos-chave que permite abarcar a influência exterior é a estrutura do conhecimento, a qual é conceitualmente próxima à visão tridimensional de poder apresentada por Lukes, bem como ao *soft power* de Nye. A estrutura de conhecimento “compreende as crenças (e as conclusões e princípios morais derivados dessas crenças); o que é conhecido e visto como compreendido; e os canais através dos quais crenças, ideias e conhecimento são transmitindo – incluindo alguns setores e excluindo outros.”⁴⁵ Tem sido argumentado recentemente que a influência estratégica chinesa é centrada em uma persuasão que visa à atração de líderes, elites e jovens africanos. Com foco no conceito de *soft power*, autores geralmente enumeram iniciativas como a promoção da cultura chinesa, o ensino do mandarim e a ofensiva midiática chinesa. De fato, líderes chineses têm mostrado um grande desejo em influenciar ideias na África através de vários métodos. Primeiramente, a promoção da

⁴⁴ Embaixada Francesa na Costa do Marfim, “L’Économie Française en Fiches,” Março de 2011.

⁴⁵ Strange, *States and Markets*, 119.

cultura e da língua chinesa: mais de 20 Institutos Confúcio foram abertos na África desde a primeira inauguração no ano de 2005, no Quênia. Em 2006, 3737 estudantes africanos foram matriculados em universidades chinesas em comparação aos 2757 de 2005, representando um aumento de 40%⁴⁶. O número vem aumentando constantemente devido à multiplicação de bolsas oferecidas pelo governo chinês (5500 em 2009). Para fins de comparação, em 2005-2006 os campi franceses apresentavam 103235 estudantes africanos. No campo midiático, o qual representa outro meio de atração e formação de opinião, a China não é menos ativa. A Televisão Central Chinesa (CCTV) inaugurou em setembro de 2007 um canal em francês, para telespectadores francófonos. Quanto ao canal ao vivo de notícias em inglês (CNC World), este foi aberto pela agência de notícias Xinhua News em julho de 2010⁴⁷ e possui espectadores na África nos países anglófonos.

É necessário, contudo, não confundir presença com influência. Hoje, apenas cinco Institutos Confúcio estão localizados em países francófonos (Benin, Camarões, Madagascar, Mali e Togo). Além disso, nenhuma estação de rádio ou televisão chinesa pretenderia cobrir a área francófona. Quanto aos estudantes africanos que estudam no estrangeiro, o número de intercambistas na China é muito reduzido se comparado aos que se encontram em solo francês. Desde a Era Colonial, a França apresenta um conjunto de instituições culturais, educacionais, normativas e midiáticas, o qual é respeitado por todas as antigas colônias. Cabe lembrar que o poder do idioma imposto durante o período colonial é a base de sustentação para essa influência.

O primeiro vetor diz respeito à institucionalização dos sistemas escolares, inteiramente baseado no modelo francês. Surpreendentemente, este padrão ainda é implementado na maioria dos países francófonos, com poucas mudanças. Nesses Estados, há uma vasta rede de agências que propiciam o ensino do francês no exterior, financiadas pelo Ministério da Educação francês. Uma vez que essas escolas recebem estudantes locais (do país-sede e vizinhos), elas não apenas apresentam os atributos culturais franceses no estrangeiro, mas também encontram múltiplas afinidades com a França ao longo do tempo.

⁴⁶ “Les universités chinoises attirent davantage d’étudiants africains,” *Beijing Review*, 18 de dezembro de 2007.

⁴⁷ “China Puts Best Face Forwards with News Channel,” *The New York Times*, 1º de julho de 2010.

Portanto, sempre baseada na partilha do idioma francês, a *Hachette International* é a líder em – e a detentora do monopólio de – publicações de livros escolares na África Francófona. A *Hachette* controla 85% desse mercado através da *Edicef* e da *Hatier International*⁴⁸. Como resultado, os governos da África Francófona não logram controlar o conteúdo dessa atividade editorial: cerca de 80% dos livros utilizados por estudantes africanos são impressos no exterior.

O sistema de educação superior constitui outro dos grandes componentes desse mecanismo de influência intelectual. Mesmo com a aplicação de medidas consulares drásticas, o número de estudantes africanos em instituições francesas é extremamente grande. Durante 2010-2011, por exemplo, um terço dos estudantes estrangeiros na França era composto por africanos. Paradoxalmente, este número aumentou de 91728 estudantes em 2008 para os 100 mil em 2000, dos quais 38714 são francófonos⁴⁹. Ademais, a França prepara grande número de líderes e burocratas de língua francesa, especialmente na “presitigiada” *École Nationale d’Administration* (ENA). A consequência dessa influência intelectual é que o peso da França dentro dos países francófonos é concreta. A Organização pela Harmonização das Leis de Negócio na África (OHADA) é um bom exemplo⁵⁰. Se esse sistema busca resolver questões jurídicas dentro dos Estados-membros através da unificação de leis de negócio, ele contribui, ainda que indiretamente, para a valorização da Lei Francesa.

Outra ferramenta é a diplomacia cultural, cujos principais vetores são as instituições de intercâmbio cultural e a mídia. O principal objetivo dessa diplomacia não reside somente em comercializar obras culturais, mas também em mudar a maneira através da qual indivíduos reconhecem determinado grupo⁵¹. Centros culturais franceses são meios comuns da diplomacia francesa no

⁴⁸ “La France règne en maître sur le marché des manuels scolaires en Afrique francophone,” *Le Monde*, 10 de junho de 2010.

⁴⁹ A França recebeu ao todo 284659 estudantes estrangeiros. Outros principais destinos dos estudantes africanos são a África do Sul (43 mil estudantes), EUA (34 mil estudantes) e o Reino Unido (33 mil estudantes). Ver “La France attire-t-elle les étudiants africains,” *Slate Afrique*, 27 de maio de 2012; “La mobilité des étudiants du Maghreb et d’Afrique subsaharienne,” *Les notes de Campus France* 7, outubro de 2009.

⁵⁰ A OHADA é composta por quatorze países da Zona do Franco, além de Comores, Guiné e RDC.

⁵¹ Robert Frank, “Diplomatie et transferts culturels au XXe siècle,” *Relations Internationales* 1 (2003): 319-323.

globo, especialmente na África. A mídia também possui papel instrumental nesse quesito. Apenas considerando o compartilhamento do idioma francês, o fato de que as rádios e emissoras televisivas francesas que transmitem conteúdo para o exterior encontram sua maior audiência na África Francófona é notável. Por essa razão, a mídia “*Audiovisuel extérieur de la France*”, especificamente a *Radio France Internationale* (RFI), a TV5 e a *France 24* marcam forte influência na região⁵². Devido ao fato de que o mote desses veículos é “apresentar as notícias sob a ótica francesa e transmitir os valores e perspectivas franceses ao redor do mundo”, podemos considera-los vetores de influência a serviço de seu país. Isso é especialmente verdadeiro no caso da RFI. A estação foi inaugurada em 1931 como “*Poste Colonial*” (estação colonial), e hoje possui 33,1 milhões de ouvintes africanos dentro de um total de 45,5 milhões – 24,5 milhões deles vivem na África Francófona.

Finalmente, na dimensão discursiva, o dispositivo que a diplomacia cultural francesa tende a enfatizar é o fato de que a África Francófona pode florescer substancialmente somente através da consubstancial relação com um protetor, uma espécie de hegêmona. Esse processo é muito próximo à arte do poder persuasivo de Lukes, cuja proposta é de

“(...) prevenir que as pessoas, com os mais variados graus, apresentem agravos, moldando suas visões e preferências de maneira que elas aceitem seu papel dentro da ordem social seja por não esperar outra alternativa, seja por considera-lo natural e imutável, ou seja por avaliar-lo como divinamente ordenado e benéfico.”⁵³

Colocando de outra forma, em um contexto de relação assimétrica, os países dominados da África Francófona aceitam essa situação seja por resignação, seja por aceitar suas bases. Este processo de legitimação, que atravessa o controle da mídia ou dos processos de socialização que buscam a conquista de corações e mentes, é denominado “carimbo cultural” por Edgar Morin. No caso de Steven Lukes, o autor o denomina “indoutrinação”⁵⁴.

⁵² Sítio de “*L’Audiovisuel extérieur de la France*”: <http://www.aefmonde.com/>.

⁵³ Lukes, *Power*, 24. Tradução nossa.

⁵⁴ *Traité de relations internationales*, ed. Gérard Dussouy, vol. 2, Les théories de l’interétatique (Paris: L’Harmattan, 2008), 81.

Nesse caso, a elite – governante ou não – e mesmo alguns indivíduos dessas regiões mostram particular interesse pelo modelo francês. Devemos levar em conta que estratégias manipulativas existem. Muitos exemplos ilustram esta tendência. Os encontros semanais de ministros de vários países ocorrem nas manhãs de quarta-feira em Paris, participando Benin, Costa do Marfim, Gabão, Mali e Togo. Em retrospectiva, ao fim de uma visita à França em 03 de abril de 1991, o presidente camaronês Paul Biya congratulou a ele mesmo em entrevista a repórteres: “estou entre os melhores estudantes de François Mitterrand!”⁵⁵ Essas identidades comuns denotam a significância da dimensão simbólica da influência francesa na região. De acordo com a perspectiva de Bourdieu, o chamado poder simbólico é invisível e é sustentado sobretudo por estruturas cognitivas. Em outras palavras, ele é abastecido pela aprovação daqueles que o permitem por considerar a ordem vigente legítima.

A China na África Francófona: fenômeno de curto prazo ou mudança sistêmica?

O poder e a influência chineses na África está certamente crescendo, mas já que é a África Francófona a região em questão, é importante determinar os limites a esse fenômeno. Quanto ao lugar que a China atualmente ocupa de acordo com as três facetas de poder elaboradas acima, vários indicadores tendem a confirmar o caráter tardio dos chineses em alguns casos.

De acordo com Frederic Charillon, um dos mitos do debate quanto à política externa francesa é o de que o declínio é flagrante.

Feita muitas vezes de maneira não científica, esta observação do declínio pode estar relacionada a três diferentes percepções: um camuflado declínio da representação francesa em termos mundiais, um declínio menos quantificável de influência política e o declínio da vontade francesa em ter um papel globalmente mais ativo, assumindo uma posição de ator global⁵⁶.

⁵⁵ Mongo Beti, *La France contre l'Afrique* (1993; repr. Paris: La Découverte, 2006), 158.

⁵⁶ Frédéric Charillon, *La France peut-elle encore agir sur le monde?* (Paris: Armand Colin, 2010), 46.

Seguindo a mesma interpretação, o declínio francês na África defendido por alguns analistas com um toque de nostalgia ou desapontamento pode ser o resultado do sucesso da China⁵⁷.

Com relação à estrutura securitária, não é suficiente dizer que o orçamento de Defesa chinês (106,4 bilhões de dólares em 2012) é maior que o da França (em torno de 39,52 bilhões de dólares em 2012), ou considerar o número de soldados servindo em operações de paz na África para considerar que a França está em dificuldades. É importante notar que a França é o primeiro Estado a ser chamado pelos países da África Francófona em caso de sérias crises securitárias. Na verdade, a França sempre foi conhecida por ser o “Gendarme da África”, conferido a este fato legitimidade internacional e espaço de manobra na África Francófona. Operações Militares na Costa do Marfim (2011) e no Mali e na República Centro-Africana (desde 2013) ilustram perfeitamente esta política. Ademais, a legitimidade francesa nessas intervenções não é desafiada por aliados da OTAN e da União Europeia, os quais inclusive concedem apoio logístico e político. Até mesmo a China respaldou a intervenção francesa no Mali⁵⁸. É devido a esta legitimação local, regional, internacional e também moral que a França prevalece sobre a China.

Com relação às estruturas de conhecimento e de finanças, é observável que iniciativas apoiadas pelo governo chinês também são limitadas. A influência francesa nessas áreas é imensurável e pode ser notada tanto qualitativa quanto quantitativamente através de declarações, costumes, comportamento e da também produção artística dos africanos francófonos.

Na realidade, a estrutura produtiva (economia) parece ser a mais disputada e a em que Pequim parece afirmar mais significativamente sua competitividade. Nessa linha de pensamento, distinguimos de maneira mais generalizada uma mudança do centro de gravidade ao redor da Ásia e em particular da China. Contudo, China e Índia não estão sozinhos. Outras economias dinâmicas também estão presentes, como o Brasil, a Turquia, a Coreia do Sul e a Malásia. Devido a esta difusão de poder fora do Estado na estrutura produtiva, não são França ou seus aliados da África Francófona que

⁵⁷ Ver Michel e Beuret, *La Chinafrique*.

⁵⁸ Zhang Chuanjie and Jean-Pierre Dozon, “Public Perception of China in Francophone Africa”, *Carnegie-Tsinghua Center for Global Policy*, 03 de abril de 2013.

vão determinar o local da produção de riqueza e prosperidade. Este papel é desempenhado por outros atores da economia política internacional e regional. Por exemplo, as pessoas estão olhando para o Oriente. Assim reside a força e a vantagem chinesas para sua competitividade. Ainda assim, a antiga potência colonial resista ao manter significativas participações na produção mineradora e petrolífera, bem como nichos em mercados com a ajuda de mecanismos e redes de negócio obscuras e ligadas diretamente ao Estado francês.

Os limites do poder francês na África Francófona

Embora fortemente enraizada na área da África Francófona, a influência da França na região ainda parece enfrentar três importantes desafios concernentes à concepção de poder das lideranças francesas. O primeiro está relacionado a uma perda de direção, ou seja, uma mudança no contexto original e nos métodos de interação com países aliados. Uma escandalosa personalização das relações entre líderes franceses e seus análogos africanos tiveram importante papel. Reconhecidamente, o fim do Governo Mitterrand entrou nessa era com as desapareições de um aliado privilegiado, como Houphouët-Boigny da Costa do Marfim, e depois dos veteranos presidentes Gnassingbé Eyadema, no Togo, e Omar Bongo, no Gabão, que parecem ter surpreendido a França. Diplomacia secreta e pessoal, e a propensão a intermediários de negócios com redes paralelas (Maçonaria, mercenários ou conselheiros secretos) causaram a demissão de Secretários de Estado para a Cooperação, os quais tiveram as suas saídas solicitadas por serem considerados demasiado reformistas por Paris e alguns presidentes africanos, como nos casos de Jean-Pierre Cot em 1982 e Jean-Marie Bockel, em 2008. Atualmente, apesar de declarações públicas e oficiais, redes de negócios e amizades políticas seguem sendo importantes e tendem à prática das redes antigas⁵⁹. De fato, como sublinhado por Christopher Clapham,

⁵⁹ Antoine Glaser e Stephen Smith, *Ces messieurs Afrique: Le Paris-village du continent noir* (Paris: Calmann-Lévy, 1992); Antoine Glaser e Stephen Smith, *Ces messieurs Afrique : Des réseaux aux lobbies* (Paris: Calmann-Lévy, 1997); François-Xavier Verschave, *La Françafrique: Le plus long scandale de la République* (Paris: Stock, 1998); Daniel Bourmaud, "Discours de rupture et politique d'impuissance: La politique africaine de Nicolas Sarkozy," in *Les politiques publiques sous Sarkozy*, eds. J. de Maillard e Y. Surel (Paris: Presses de Sciences Po, 2012), 167-188.

o que distinguia as relações entre líderes africanos e a França – em forte contraste às relações mantidas com britânicos, estadunidenses e soviéticos – era a forma através da qual eram incorporados a uma rede, caracteristicamente íntima, mas de escopo internacional. Isso propiciou um meio de conduzir a diplomacia que por vezes lembrava mais fortemente o mundo a política doméstica do que o das relações interestatais⁶⁰.

O segundo limite parece ser o surgimento de competidores. Contrariamente ao que é dito e escrito na mídia, esta competição vem principalmente de “aliados” e países historicamente amigáveis, como os próprios Estados Unidos da América. Efetivamente, a França aparenta estar perdendo o controle para benefício dos EUA. Assim, a rivalidade franco-estadunidense explica, de certo modo, o declínio relativo da influência francesa. Em termos comerciais, as trocas comerciais entre os EUA e países da CEMAC em 2010 mostram os EUA ultrapassando não apenas a China, mas também os 27 países da União Europeia – incluindo a França. Como importantes parceiros comerciais na região, os norte-americanos apresentam: a República do Congo (2,5 bilhões de euros), o Gabão (1,7 bilhões de euros), a Guiné Equatorial (1,7 bilhão de euros) e o Chade (1,5 bilhões de euros). Somente Camarões (329,7 milhões de euros) e a República Centro-Africana (12,5 milhões de euros) são exceções. A posição norte-americana é também visível através da coabitação militar com a França no Djibuti, com uma crescente influência na região dos Grandes Lagos, previamente dominada pela França. No campo cultural, a jovem elite francófona prefere o *American way of life*, e são atraídos pela América do Norte. Por exemplo, um amplo número de africanos francófonos treinados na França ou na Bélgica estão se mudando para os EUA ou para o Canadá (Quebec). Como escrito por Achille Mbembe, “principalmente, a França está perdendo parte da influência cultural que um dia apresentou sobre a elite africana. (...) Os Estados Unidos da América estão sendo claramente os principais beneficiários dessa defecção.”⁶¹ Se dissolve, portanto, a

⁶⁰ Christopher Clapham, *Africa in the International System: The Politics of State Survival* (Cambridge: Cambridge University Press, 1996), 89. Tradução nossa.

⁶¹ Achille Mbembe, *Sortir de la grande nuit* (Paris: La Découverte, 2010), 98.

sustentabilidade do arranjo *de facto* que promoveu a França ao status de exclusivo guardião da África Francófona durante a Guerra Fria.

A emergência do “resto do mundo” é um segundo aspecto dessa competição. Em outras palavras, não é a França que está em declínio ou sendo ultrapassada na África Francófona, mas também há o fato de que o resto do mundo surpreendentemente evoluiu e passou a competir por oportunidades nesta região (países do Golfo Pérsico, Turquia, Japão, Coreia do Sul, Taiwan, Malásia, Indonésia, Índia, Brasil, e China). Incidentalmente, isto cria uma competição mais ampla entre diferentes atores extracontinentais que aumentam o leque de opções africano *ipso facto*. Ademais, há o ressurgimento, desde o fim da década de 1990, de uma perspectiva Sul-Sul que parece fundamentalmente redefinir o atual Sistema Internacional. A volta desta relação dinâmica entre os países do Sul é o resultado da pujança econômica dos países emergentes⁶².

Por último, mas não menos importante, há o terceiro limite, que consiste na dificuldade das lideranças francesas em fazer um *aggiornamento* das suas linhas de política externa para a África Francófona. A França segue concentrando suas ações na elite política, enquanto outros enfatizam mais fortemente a batalha pela conquista de “corações e mentes”. Limitando-se a estes poucos afortunados, a França paradoxalmente age tão erroneamente quanto a China. Há o desafio da adaptação, no sentido de reformular suas ferramentas de política externa de modo a direcioná-la aos alvos mais relevantes. No ambiente multicêntrico da África Francófona, é necessário achar os métodos mais apropriados para cada situação, isto é, lançar mão de uma estratégia baseada em recursos intangíveis que abarque o povo, as sociedades civis, o setor privado, e não uma cujo único objetivo é resgatar a elite dirigente corrupta e ilegítima.

⁶² Ver Alice H. Amsden, *The Rise of “the Rest”: Challenges to the West from Late industrializing Economies* (Oxford: Oxford University Press, 2001).

Conclusão

Afirmar que a China conturbou o equilíbrio previamente estabelecido na África Francófona parece inegável, e dizer que tal evento permite a criação de uma nova regra é menos definitivo. Isto é o que foi demonstrado neste artigo, considerando sua influência quando comparada à da antiga potência colonial de acordo com as quatro dimensões do poder estrutural. Apoiadora e mercado emergente, a China é considerada séria desafiante ao poder francês na África Francófona. A China também promove, através do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) uma inédita forma de socialização e normatização para esses países. Sem negligenciar ou subestimar a importância do envolvimento chinês na África Francófona, procuramos aclarar o quanto essa presença multidimensional não necessariamente redunde em influência. No entanto, deve ser notado que a influência chinesa, por menor que possa ser, pode vir a robustecer o declínio, ou ao menos enfatizar o declínio relativo da França na África Francófona.

Apesar da generalizada imagem positiva da China na África, e na África Francófona em particular, o “poder estrutural” da antiga metrópole segue substancial.

Logo, a França não deve ser considerada um *deus ex machina* que pode vir a controlar tudo em suas antigas possessões africanas. Sua influência também vem enfrentando vários desafios: dificuldade em superar o personalismo das interações com esses países; a competição econômica e cultura dos Estados Unidos da América, bem como a de países emergentes; a falta de flexibilidade que impede uma mudança em direção aos recursos intangíveis de poder. Todavia, os recentes acontecimentos parecem ter afetado de maneira apenas relativa o poder francês, o qual continua estruturando o ambiente coercitivo, econômico, financeiro, cognitivo e cultura no qual operam os países africanos francófonos. No que tange ao poder do conhecimento francês, Jean-Pierre Cabestan, coordenador dos Estudos Internacionais e de Governo da Hong Kong Baptist University, aponta: “o *soft power* francês é maior que o da China em países francófonos da África. A relação da França com estes países, como o Senegal, é íntima. A China está tentando inserir-se na região, mas é difícil para

os chineses.⁶³” No âmbito político, também parece não haver maiores ameaças. Perguntado se a França pode competir com a China, o Ministro de Economia, Finanças e Comércio Exterior francês respondeu confiantemente:

A França ainda é o segundo maior exportador para a África Subsaariana, atrás da China, mas à frente dos Estados Unidos da América e da Alemanha. Somos o quarto maior importador, atrás de EUA, China e Itália. (...) Não quero criticar a China, penso que isto é obsoleto. (...) Nós não temos medo da China.⁶⁴

⁶³ Toh Han Shih, “Experts Differ on China’s ‘Soft Power’ in Africa,” *South China Morning Post*, 22 de julho de 2013.

⁶⁴ “Pierre Moscovici: En Afrique, la Chine ne nous fait pas peur,” entrevista de Julien Cléménçon e Stéphane Ballong, *Jeune Afrique*, 04 de outubro de 2012.

REFERÊNCIAS

- Amsden, Alice H. *The Rise of 'the Rest': Challenges to the West from Late industrializing Economies*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- Aron, Raymond. *Paix et guerre entre les nations*. Paris: Calman-Lévy, 1962.
- Bachrach, Peter, e Morton S. Baratz. "The Two Faces of Power." *American Political Science Review*, no. 56 (1962).
- Bakong, Patrice. *La politique militaire africaine de la France*. Paris: L'Harmattan, 2012.
- Beijing Review*. "Les universités chinoises attirent davantage d'étudiants africains." 18 de dezembro de 2007.
- Beti, Mongo. *La France contre l'Afrique*. Paris: La Découverte, 2006.
- Bourmaud, Daniel. "Discours de rupture et politique d'impuissance: La politique africaine de Nicolas Sarkozy." In *Les politiques publiques sous Sarkozy*, editado por J. de Maillard e Y. Surel, 167-188. Paris: Presses de Sciences Po, 2012.
- Buhler, Pierre. *La puissance au XXI^e siècle: Les nouvelles définitions du monde*. Paris: CNRS Editions, 2011.
- Charillon, Frédéric. *La France peut-elle encore agir sur le monde?* Paris: Armand Colin, 2010.
- Chuanjie, Zhang, e Jean-Pierre Dozon. "Public Perception of China in Francophone Africa." *Carnegie-Tsinghua Center for Global Policy*, 03 de abril de 2013.
- Clapham, Christopher. *Africa in the International System: The Politics of State Survival*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- Dembele, Demba Moussa. "Mauvais comptes du franc CFA." *Le Monde Diplomatique*, Junho de 2004.
- Dembele, Demba Moussa. "Le franc CFA en sursis." *Le Monde Diplomatique*, Julho de 2010.
- Devin, Guillaume. *Sociologie des Relations Internationales*. Paris: La Découverte, 2002.
- Dhombres, Dominique. "Les entrepreneurs chinois en Afrique." *Le Monde*, 08 de janeiro de 2009.
- Direction Générale du Trésor. "Commerce bilatéral franco-béninois en 2011." 24 de fevereiro de 2012.

- Dupré, Mathilde, e Weijing Shi. “La présence chinoise en Afrique de l’Ouest: le cas du Mali et du Bénin.” *French Development Agency Working Paper*, no. 69 (2008).
- Dussouny, Gérard, ed. *Traité de relations internationales*, vol. 2, Les théories de l’interétatique Paris: L’Harmattan, 2008.
- France 24. “Mille soldats français resteront au Mali de ‘façon permanente’.” 06 de abril de 2013.
- Frank, Robert. “Diplomatie et transferts culturels au XXe siècle,” *Relations Internationales* no. 1 (2003): 319-323
- Gilpin, Robert. *The Political Economy of International Relations*. Princeton: Princeton University Press, 1987.
- Glaser, Antoine, e Stephen Smith. *Ces messieurs Afrique: Le Paris-village du continent noir*. Paris: Calmann-Lévy, 1992.
- Glaser, Antoine, e Stephen Smith. *Ces messieurs Afrique: Des réseaux aux lobbies*. Paris: Calmann-Lévy, 1997.
- Glaser, Antoine, e Stephen Smith. *Comment la France a perdu l’Afrique?* Paris: Calmann-Levy, 2005.
- Gonin, Jean-Marc, e Julien Nessi. “Le Triomphe de Pékin.” *Le Figaro*, 03 de novembro de 2006.
- Granvaud, Raphael. *Que fait l’armée française en Afrique*. Marselha: Agone, 2009.
- Holslag, Jonathan. “China’s Next Security Strategy for Africa.” *Asia Papers* no. 3 (2008), 6.
- Kernen, Antoine, e Benoit Vuillet. “Small Chinese Merchants and Entrepreneurs in Mali and Senegal.” *The China Monitor* no. 42 (Julho de 2009): 4-6.
- La Lettre du Continent*, no. 498. 13 de julho de 2006.
- Labbé, Marie-Hélène. *L’Arme Économique dans les Relations Internationales* Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- Lacoste, Yves. “La Chine change l’ordre du monde.” *Hérodote*, no. 125 (2007).
- Lafargue, François. “La Chine: stratégies d’influence en Côte d’Ivoire.” *Monde Chinois*, no. 8 (2006): 39-48.
- Le Monde*. “La France règne en maître sur le marché des manuels scolaires en Afrique francophone.” 10 de junho de 2010.

- L'Express*. “Etat des lieux des bases militaires françaises en Afrique.” 12 de dezembro de 2009.
- Les Notes de Campus France*. “La mobilité des étudiants du Maghreb et d’Afrique subsaharienne.” No. 7, outubro de 2009.
- Ligot, Maurice. “La coopération militaire dans les accords passés entre la France et les États africains et malgaches d’expression française.” *Revue Politique et juridique d’Outre-Mer* (1963).
- Lukes, Steven. *Power: A radical View*. Londres: Macmillan, 1974.
- Marchal, Roland. “French Perspectives on the New Sino-African Relations.” In *China Returns to Africa: a Rising Power and a Continent Embrace*, editado por Chris Alden, Daniel Large, e Ricardo Soares de Oliveira, 181-196. Londres: Hurst & Company, 2008.
- Mbembe, Achille. *Sortir de la grande nuit*. Paris: La Découverte, 2010.
- Michel, Serge, e Miche Beuret. *La Chinafrique: Pékin à la conquête du continent noir*. Paris: Grasset, 2008.
- Michel, Serge, e Fabrice Monod. “Drapeau Rouge sur le Continent.” *France 5 Documentary*. 06 de janeiro de 2009.
- Moscovici, Pierre. “Pierre Moscovici: En Afrique, la Chine ne nous fait pas peur.” Por Julien Cléménçon e Stéphane Ballong, *Jeune Afrique*, October 04, 2012.
- Nye, Joseph S. *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*. Nova Iorque: Basic Books, 1991.
- Nye, Joseph S. *Soft Power. The Means to Success in World Politics*. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.
- Nye, Joseph S. *The Future of Power*. Nova Iorque: Public Affairs, 2011.
- Pathak, Vidhan. “China and Francophone Western Indian Ocean Region: Implication for Indian Interests.” *Journal of Defense Studies*, no. 3 (2009): 79-102.
- People’s Daily*. “Arrivée au Gabon d’un groupe des médecins militaires chinois pour un exercice médical,” 18 de junho de 2009.
- Pouemi, Tchunjang. *Monnaie, servitude et liberté: La répression monétaire de l’Afrique*. Paris: Éditions Jeune Afrique, 1980.
- Rice, Susan E., e Steven Patrick. *Index of State Weakness in the Developing World*. Washington, D.C.: The Brookings Institution, 2008.

- Shih, Toh Han. “Experts Differ on China’s ‘Soft Power’ in Africa.” *South China Morning Post*, 22 de julho de 2013.
- Slate Afrique*. “La France attire-t-elle les étudiants africains.” 27 de maio de 2012.
- Strange, Susan. *States and Markets. An Introduction to International Political Economy*. 2nd ed. Londres: Pinter, 1994.
- Strange, Susan. *The Retreat of State: The Diffusion of Power in the World Economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- The New York Times*. “China Puts Best Face Forwards with News Channel.” 1º de julho de 2010.
- Valdmanis, Richard, e Andrew Osborn. “CAR President Urges U.S., France to Help Fight Rebels.” *Reuters*, 27 de dezembro de 2012.
- Verschave, François-Xavier. *La Françafrique: Le plus long scandale de la République*. Paris: Stock, 1998.

RESUMO

Este artigo visa explicar os determinantes da influência francesa, comparada à chinesa, na África Francófona. Focando no paradigma de poder estrutural, teorizado por Susan Strange, o texto tentará desmistificar quaisquer considerações quanto a uma influência “decadente” da França na África Francófona. Será argumentado que a existência de “relações especiais” manifestadas através de estreitos laços políticos e culturais, mas também redes militares e de cobertura econômica, conferem à França o potencial de determinar a estrutura da econômica política regional, na qual os Estados africanos francófonos se desenvolvem.

PALAVRAS-CHAVE

Poder Estrutural; África Francófona; China.

Recebido em 05 de abril de 2014.

Aprovado em 20 de maio de 2014.

Traduzido por Pedro Alt